

A realidade dos pequenos produtores de tomate no interior do Paraná

AGRICULTURA FAMILIAR

AGRONEGÓCIO E TECNOLOGIA

EXÔDO URBANO – A VOLTA AO CAMPO

GERAÇÃO DE EMPREGOS

PRODUÇÃO AGRÍCOLA CERTIFICADA

O RISCO DOS AGROTÓXICOS

E mais! Aprenda a cultivar uma horta em casa

EDITORIAL

É com muito orgulho que nós, acadêmicos do 8.º período do curso de Jornalismo do Centro Universitário Santa Amélia (Unisecal), supervisionados pela professora Ligiane Malfatti, apresentamos esse material jornalístico direcionado ao agronegócio, um trabalho minucioso que busca levar aos leitores diversas informações sobre a produção da região dos Campos Gerais, dando ênfase aos produtores rurais e a agricultura familiar.

Conheça a produção de tomate feita por pequenos produtores na cidade de Reserva (PR) e muito mais sobre a agricultura familiar, que aumenta sua produção e que é responsável por 70% de toda a alimentação do país. Inclusive, os pequenos produtores, além de serem protagonistas da produção de alimentos, vêm desenvolvendo cada vez mais um trabalho de sustentabilidade. Nesta edição, vamos conhecer um pouco mais sobre o conceito do Agro 4.0 e as transformações que estão ocorrendo no cenário agrícola.

Um enfoque importante neste cenário é o saldo positivo na geração de emprego que a agropecuária traz. Inclusive, cidades dos Campos Gerais como Ortigueira, Ventania e Carambeí são uns dos principais municípios que encabeçam a lista. Também temos um novo cenário social, no qual muitos jovens escolhem a zona rural para viver e trabalhar.

Mas nem tudo são boas notícias. Vamos alertar os riscos dos agrotóxicos, no qual o Paraná é o estado que mais obteve notificações de intoxicação por agrotóxicos nos últimos 10 anos.

Esperamos que ao folhear cada página dessa revista você prestigie nosso trabalho, pela pesquisas, apuração, e elaboração das matérias. Estamos comprometidos com a verdade e a realidade do mundo do agronegócio em nossa região.

COMUNICAÇÃO NO AGRO

O agronegócio no Brasil vem crescendo cada vez mais. Além da importância direta na economia, o agro gera, em média, 38% dos empregos do país, e garante renda para pequenos, médios e grandes agricultores.

O agro foi responsável por cerca de 77,6% das exportações do Paraná em 2019. Dos US\$ 16,2 bilhões exportados, US\$ 12,6 bilhões são dos produtos do agronegócio. Esses números mantiveram o Estado na 3.ª posição no ranking nacional das exportações do setor em 2019, correspondendo a 13,02% do volume brasileiro, que foi de US\$ 96,8 bilhões, atrás apenas do Mato Grosso (17,22%) e de São Paulo (15,63%). Os dados são do Ministério da Agricultura e do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços.

A comunicação e o marketing são peças fundamentais para um bom crescimento de renda e principalmente de economia. Os eventos, a assessoria de imprensa e a publicidade têm como objetivo melhorar as vendas e fortalecer o setor, com elaboração de relatórios, análise de conteúdo, coletas de informações, interação e aproximação com o público e outras estratégias. Pesquisa de mercado e elaboração de projetos e eventos são a chave para atrair mais clientes para o setor do agronegócio.

EXPEDIENTE

‘Agro UniSecal’ é uma revista produzida pelos alunos de Jornalismo da UniSecal para a disciplina de Jornalismo e Agronegócio, em 2020/2.

Reportagem: Ciriane Shaniuk, Dani Ribeiro, Elder Scolimoski, Fábio da Silva, Hurlan Jesus, Isabel Aleixo, Laísa de Moraes Pereira, Naiane Jagnow e Stefhani Romanhuk;

Fotografia: Elder Scolimoski, Fábio da Silva e Isabel Aleixo;

Diagramação: Bruna Pedroso e Ligiane Malfatti;

Edição: Bruna Pedroso, Gabriel Ipólito, Ciriane Shaniuk;

Supervisão: Ligiane Malfatti;

Coordenação do curso: Helton Costa.

OS PEQUENOS PRODUTORES DE TOMATE DE RESERVA

Pequenos produtores do município paranaense chegam a produzir 20 mil pés do fruto

Por: Fábio da Silva

A cidade de Reserva está localizada no leste do estado do Paraná, a 227 km da capital. O pequeno município de pouco mais de 25 mil habitantes tem na agricultura sua maior fonte de renda. Um dos cultivos que mais se destacou nas últimas décadas foi o cultivo do tomate, o que rendeu para a cidade o título de capital paranaense do fruto.

O “boom” do cultivo foi no começo da década, quando vários agricultores deixaram suas lavouras tradicionais para o novo cultivo. Nesse período a cidade também lançou a festa do tomate, que durou seis edições e que, por

algumas divergências acabou não acontecendo mais. Nesse período, artistas de renome nacional se apresentaram na terra tomateira.

Nem todos que começaram com esse cultivo continuam na ativa. Muitos desistiram por seus seguidos prejuízos e buscaram novas fontes de renda, e, em alguns casos, alguns agricultores faliram e tiveram de recomeçar.

Vianeí Ribeiro tem uma pequena propriedade. Ele é um jovem agricultor, porém muito experiente no cultivo da fruta. “Comecei muito cedo 13 anos já estava na minha primeira horta”, disse.

Vianeí Ribeiro observa sua plantação. Foto: Fábio da Silva



Com mais de seis mil pés da planta em seu terreno, ele praticamente dá conta sozinho da lida. “Tenho dois ajudantes para me dar uma força. Nas horas que apura o serviço, em três damos conta tranquilo”, contou aos risos.

Viane fala que na maioria das vezes compra fiado os insumos necessários para dar início a horta, para pagar no final da safra. “É quase um tiro no escuro. Às vezes as coisas não saem como o esperado e o dinheiro é só pra pagar”, conta.

Questionado sobre por que não sobra um bom dinheiro, ele explica: “Não é só ter um bom tomate e uma boa horta, precisa vender com um bom preço. Às vezes pegamos preços excelentes e saímos com grandes lucros, e tem momentos que o preço cai demais, entregamos quase de graça para não perder tudo. Ou acontece algo que não está previsto. Uma geada pode acabar com tudo”, desabafou.

A planta precisa de cuidados todos os dias, um descuido e a plantação se perde. “Não tem dia, nem feriado, tem que estar todo dia cuidando, limpando, zelando, ver as pragas... Um descuido e tudo é perdido”, contou. Perguntado se tem algum tipo de apoio de alguma cooperativa, em um tom mais firme ele respondeu. “Não tenho. Nossa cidade não tem cooperativa, cada um se vira como pode, planta e colhe e tentamos achar um bom preço. Fechamos as cargas de caminhão e pegamos nosso dinheiro”, terminou.

Por fim, Viane se mostra muito persistente e com sonhos para o futuro. “É o que eu sei fazer, gosto disso, é minha vida. Penso em evoluir e ter uma boa vida, aumentar a

quantidades de mudas plantadas para aumentar o faturamento. Não quero ser rico, apenas dar uma boa vida a minha família e que todo o sofrimento de agora um dia seja recompensado”.

Leandro Smideler cultiva em torno de oito mil pés de tomate e relata. “Só eu e minha mulher trabalhamos, então para mim está dando para sobreviver, está sobrando um pouco. A última roça deu boa, porém o momento está difícil. Por causa do dólar, os insumos e adubação subiram demais. E mais a incerteza da pandemia. O tomate não é um cereal. Dois, três dias ele estraga. Cada dia mais caro para produzir”, disse.

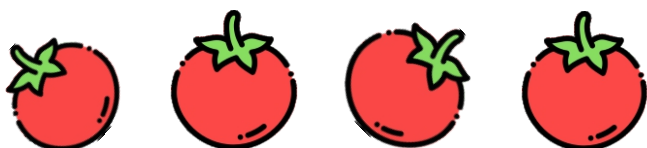
Smideler conta também outro fator que não está ajudando muito nesse período. “O clima está muito seco, tomate precisa de muita irrigação, mas às vezes falta água, porque chuva não está tendo”, conta. Indagado sobre a quantidade de produtores da cidade, Leandro acredita que aumentou muito. “Tem muito produtor grande, com 500 mil pés, e pequenos como eu, com 10 mil, 20 mil pés”.

Perguntado sobre a venda, ele repassa o tomate para os produtores maiores. “Para

entregar direto é preciso ter no mínimo 30 mil pés. Tem muita picaretagem na venda, muito cheque para 30, 60 dias, comprador que carrega e não paga, então às vezes é melhor perder dois, três reais por caixa, mas ter a certeza do pagamento”, termina.

A estimativa é que hoje Reserva tenha em torno de 18 milhões de pés de tomate, entre grandes e pequenos produtores.

“Não é só ter um bom tomate e uma boa horta, precisa vender com um bom preço. Às vezes pegamos preços excelentes e saímos com grandes lucros, e tem momentos que o preço cai demais, entregamos quase de graça, para não perder tudo. Ou acontece algo que não está previsto. Uma geada pode acabar com tudo.”



**SAIBA MAIS SOBRE
RESERVA-PR**

MUNICÍPIO DE TIBAGI OFICIALIZA IMPLANTAÇÃO DO SERVIÇO DE INSPEÇÃO MUNICIPAL

*Certificação do SIM
autoriza que
pequenos produtores
possam vender seus
produtos no comércio
local, além de
garantir mais
qualidade e
segurança ao
consumidor final*

Por: Ciriane Shaniuk e Isabel Aleixo



Produção D'Vera Queijos Diversos. Foto: Vera Lúcia

Conheça os queijos da foto (de cima para baixo)

1. Queijo Porongo: no estilo, imita o formato de cuias/cabaças, por isto o nome de poronguinho. A massa é semelhante à de muçarela.
2. Queijo Nozinho: produzido com leite pasteurizado desnatado, sua massa é suave e muito saborosa, ideal para aperitivos e porções.
3. Queijo Minas Frescal: original de Minas Gerais, é um queijo fresco, ou seja, que não passa por período de maturação, ou envelhecimento.

O município de Tibagi, nos Campos Gerais do Paraná, fez a entrega da primeira certificação do Serviço de Inspeção Municipal (SIM) do município no dia 18 de setembro. Os produtores Laércio de Jesus Pereira e Vera Lúcia de Paula Pinto foram os contemplados com o SIM 0001. Responsáveis pelo D'Veira Queijos Diversos, localizado no Sítio São Gonçalo, Barreiro, eles produzem queijos muçarela, minas frescal, poronguinho e nozinho. Com o certificado de qualidade SIM, eles passam a ter autorização para vender no comércio local, além de garantir mais qualidade e segurança ao consumidor final, evitando riscos de contaminação e transmissão de doenças.

O responsável pelas produções do D'Veira, Laércio de Jesus Pereira, diz que o negócio está na família há 10 anos e começou com a ajuda de um empreendedor da área. “No início foram muitas dificuldades, poucos recursos e bastante trabalho para conquistar nossa clientela. No decorrer do tempo adquirimos experiências, maquinários apropriados e reconhecimento do produto. Hoje somos três da família que trabalhamos e, daqui por diante, a pretensão é expandir as vendas cada vez mais e ter a nossa marca reconhecida pelo município”, contou.

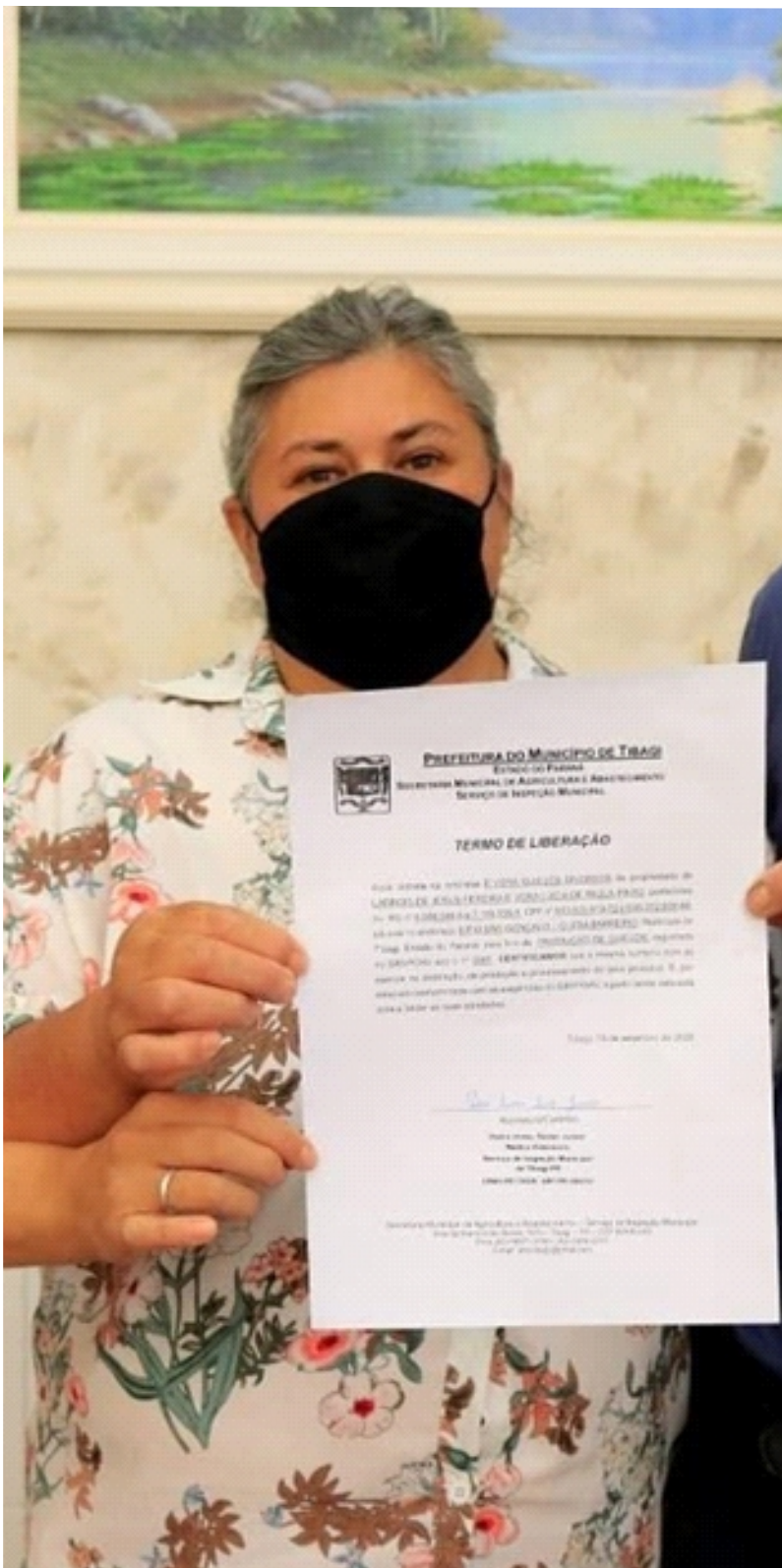
O produtor ainda falou sobre a importância do reconhecimento. “É muito gratificante ser

o primeiro a conquistar o selo SIM, pois é fruto de muito trabalho e persistência. Foram muitos obstáculos vencidos para chegar até aqui. Somos muito gratos primeiramente a Deus por nos dar saúde e coragem para conquistamos nossos objetivos”, finalizou.

“Fico muito feliz com essa conquista. Tibagi é um município agrícola, tem muito pequeno produtor, então o SIM é fundamental. Foi uma luta conseguir deixar tudo pronto, muitas etapas precisaram ser cumpridas, mas o resultado está aí. Mais um avanço importante para o homem do campo, que depende da venda do leite, do queijo, produzido em sua propriedade. A tendência é que outros produtores se interessem em participar do programa.”
Prefeito de Tibagi – Rildo Leonardi.



Prefeito e a família responsável pelo D'Veira. Foto: Isabel Aleixo.



Vera Lúcia exibe a conquista. Foto: Isabel Aleixo.

Entenda o SIM

O SIM é responsável pela inspeção e fiscalização da produção industrial e sanitária dos produtos de origem animal, comestíveis e não comestíveis, adicionados ou não de produtos vegetais, preparados, transformados, manipulados, recebidos, acondicionados, depositados e em trânsito no município.

“Vai ser um meio da prefeitura estar fiscalizando e regulamentando a produção de origem animal. Vai possibilitar que os pequenos produtores coloquem seus produtos no mercado, ou seja, vamos tentar diminuir a venda de produtos clandestinos, sem controle de qualidade. Com o SIM, vamos possibilitar que os produtores e estabelecimentos passem por uma adequação. Tudo isso vai garantir ao consumidor final uma melhor qualidade e, até mesmo, mais saúde. Também vai proporcionar aos produtores uma melhoria na renda”, explicou o Secretário Municipal de Indústria e Comércio e agricultor, Luan Nayn.

Mais programas

De acordo com o prefeito, o município agora visa outros programas como o Sistema Unificado Estadual de Sanidade Agroindustrial Familiar Artesanal e de Pequeno Porte (SUSAF), para beneficiar ainda mais os pequenos produtores. “O ministério da agricultura criou o programa para estimular os pequenos produtores e a produção familiar a conseguir comercializar no Estado. Agora estamos cadastrando o município e, assim que ficar apto, os produtores poderão se cadastrar também”, pontuou.

**SAIBA MAIS SOBRE
TIBAGI-PR**



O ALIMENTO NOSSO DE CADA DIA NAS MÃOS DA AGRICULTURA FAMILIAR

Responsáveis por 70% da alimentação da população, pequenos produtores cultivam alimentos diversos com sustentabilidade

Por: Elder Scolimoski e Hurlan Jesus

O alimento que é servido na mesa do povo brasileiro passa por um processo de produção em que, muitas vezes, a matéria-prima que originou aquele prato saboroso conta com ingredientes produzidos pela agricultura familiar. A agricultura é uma atividade primordial para a sociedade, e os pequenos produtores competem o todo com a produção em massa das grandes empresas.

A agricultura familiar é composta por trabalhadores que exercem a profissão agrícola e pecuária em pequenas propriedades rurais e que buscam a sobrevivência através da exploração dessas atividades.

Devido ao número reduzido de áreas cultiváveis, a maioria do público agricultor de Palmeira desenvolve a cultura do tabaco em sua propriedade. Dados do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município (STRP), mostram serem produzidas cerca de 13 mil toneladas de fumo na região, o que representa 4,6 mil hectares de área plantada.

A grande problemática enfrentada pela classe fumageira é a questão do comércio. Além do preço desfavorável nos últimos anos para o produtor, a venda da produção fica restrita a grandes empresas que acabam monopolizando a atividade. Sem alternativa, o plantador de fumo acaba se obrigando a vender a produção pelo preço ofertado.

Vilmar Agostinho Sergiki, presidente do STRP, conta que graças à diversidade que a agricultura familiar oferece, é possível obter outras rendas a partir da exploração de outras culturas. Devido ao tamanho reduzido da área das propriedades, o tabaco ainda é uma das melhores alternativas ao pequeno produtor. “Muitos plantam feijão, cebola, batata, hortaliças, frutas, além de criarem frangos, porcos e gado para consumo, o que faz com que essas famílias tenham uma renda melhor, pois não precisam comprar de fora esses alimentos e assim faz com que sobre um dinheiro a mais para investir na propriedade”, explicou.

Do produtor ao consumidor

Um exemplo de diversidade de cultura na geração de renda é do agricultor Joelcio Viatroski, morador do Passo do Tio Paulo, zona rural de Palmeira. Há 12 anos ele comercializa hortaliças todas as quartas-feiras e aos sábados no Mercado Municipal da cidade, mas a principal renda da família se concentra na fumicultura. “Queira ou não a gente está submisso a plantar isso para sobreviver, mas está difícil a atividade. O meu projeto é aumentar a produção de verduras e sair da lavoura do tabaco”, afirmou.

Viatroski destaca que a renda secundária obtida com a produção de repolho, brócolis, alface, couve-flor e outros legumes comercializados direto do produtor ao consumidor na feira agrega muito na propriedade, mas ainda não é o suficiente. “É um dinheiro que você pega toda semana. Com ele é possível comprar os alimentos para casa, comprar roupas para as crianças, remédios, pagar a conta da luz e água, mas ainda somos dependentes da plantação de fumo para ter uma renda maior na propriedade”, conclui.

Dentro desta atividade familiar, há

muitas opções de trabalho. De acordo com o presidente da Cooperativa da Agricultura Familiar de Palmeira (Cafpal), Ismael Lourenço Albino, nos últimos anos o consumo de produtos certificados sem agrotóxicos vem aumentando. “Com a pandemia, as pessoas estão procurando mais produtos naturais e agroecológicos. Com isso aumentou significativamente a procura por alimentos orgânicos e nossos agricultores estão aumentando suas áreas de cultivo”.

Atualmente, 14 agricultores orgânicos são certificados pela Rede Ecovida. A comercialização destes alimentos é feita em supermercados da cidade e nas feiras aos sábados pela manhã. “São produzidos todos os produtos que são de época, como: alface, couve-flor, couve manteiga, acelga, beterraba, cenoura, laranja, abacate, ameixa, pêsego, batata-salsa, batata-doce, repolho, morango, bananas caturra e prata, ovo caipira, feijão e derivados de milho – fubá, quirera, e farinha de milho”, contou Albino.



Alimentos orgânicos comercializados nas feiras. Foto: Elder Scolimoski

Ao falar sobre qualidade de vida, Joelcio enalteceu as vantagens de morar na zona rural em relação à cidade. Para ele, o campo oferece muitos benefícios, os quais na área urbana muitas vezes não podem ser explorados pelas famílias. “As crianças têm total liberdade para brincar e se divertir com segurança. A vida no interior é melhor do que na cidade. Eu aconselho que todos que residem no campo permaneçam”, pontuou.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que 70% dos alimentos que integram o nosso prato são produzidos pela agricultura familiar (AF). Através desta atividade é possível gerar emprego e renda para milhares de trabalhadores, que com esforço e dedicação cultivam as diferentes culturas, quase totalmente de maneira manual, preservando o meio ambiente. Outro destaque está ligado à diversificação destes alimentos, diferente da exploração da terra para produzir em grande escala a soja, o milho e trigo – a AF oferece maior variedade dos verdadeiros alimentos que integram o cardápio da população.

Luiza Damigo, assessora técnica da AS-PTA, evidencia a importância das famílias que produzem alimentos em relação aos agricultores de soja e milho para exportação. “O agronegócio valoriza sempre aquilo que é produzido em grande escala, mas nós não nos alimentamos apenas disso diariamente e é aqui que entram os diferentes alimentos produzidos pelas pequenas famílias”, destacou.

Sementes Crioulas

Uma atividade promovida pelo STRP que é bastante aguardada pelos agricultores é o encontro anual entre os produtores do município e das cidades vizinhas, onde eles se reúnem para passar um dia festivo, trocar experiências e realizar permuta de sementes crioulas – uma prática bastante comum em décadas anteriores e que nos dias de hoje está ficando cada vez mais difícil. “Em um patamar de 15 anos infelizmente já é raro estar encontrando sementes. Tem alguns agricultores que cultivam, mas pouca coisa se acha destas variedades crioulas, principalmente se tratando de milho e feijão”, revelou Vilmar. Ele falou

que o Sindicato incentiva os agricultores a fazer este trabalho de multiplicação, mas no município são poucos.

Sobre o selo Ecovida de produtos orgânicos

De acordo com a Rede de Agroecologia Ecovida, o selo é uma forma de expressão pública do trabalho realizado e o reconhecimento do consumidor, como um selo que carrega um conjunto de valores e compromissos assumidos pela Rede, que não se resumem apenas ao cumprimento da Lei e das características orgânicas ou ecológicas dos produtos.

Entre os valores que o selo busca expressar estão a responsabilidade e a preocupação com o meio ambiente, sendo propulsores que estimulam a organização das famílias produtoras, com incentivo à transformação comunitária dos alimentos com prioridade aos circuitos curtos de comercialização.



Produtos com certificação orgânica. Foto: Elder Scolimoski



Consumidores buscam cada vez mais alimentos orgânicos. Foto: Elder Scolimoski



REDE DE AGROECOLOGIA
ecovida®

AGRICULTURA 4.0 E AS TRANSFORMAÇÕES NO CAMPO

Entenda o conceito do agro 4.0 e conheça a gestão fundamental para o desenvolvimento estratégico na agricultura

Por: Stephani Romanhuk

A conectividade no campo já não é uma novidade. A produção no agronegócio que há alguns anos atrás era tradicional e baseada na experiência do produtor, passou por um processo de transformação digital, o qual continua cada vez mais em ascensão no cenário atual. No Brasil, oito em cada 10 agricultores possuem, ao menos, uma ferramenta digital para dar suporte a produção na propriedade, segundo uma pesquisa realizada pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa).

Em outro estudo divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o último Censo Agropecuário mostrou que 1,5 milhão de produtores rurais acessam dados por meio de dispositivos eletrônicos, número 1.900% superior ao de 10 anos atrás, o que revela uma maior adesão às soluções digitais.

Agricultura 4.0

A Agricultura 4.0 está inserida no contexto de hiperconectividade, no qual ocorre, de forma constante, a transformação digital, ampliando a velocidade, interatividade de sistemas, autonomia e precisão. Na prática, a Agricultura 4.0 é um conjunto de tecnologias digitais conectadas e integradas, em tempo real, que utilizam softwares, inteligência artificial, Big Data, biotecnologia e IoT, entre outras ferramentas de inovação, para otimizar a produção em todas suas etapas.

Com isso, é possível gerar um melhor monitoramento, como o de incidência de pragas, variações climáticas, características de solo, gestão e controle na produção automatizados, que refletem diretamente na rentabilidade e

produtividade da área. No entanto, para que os resultados sejam efetivos é necessário planejamento, o qual tem um de seus fundamentos na gestão.

Gestão

Um dos pilares estratégicos para assegurar a organização das novas informações tecnológicas, as mudanças na produção e no perfil consumidor é a gestão. Ela também passou por um processo de transformação e se tornou indispensável no campo do agronegócio, seja no aspecto técnico, operacional ou financeiro.

No entanto, é um desafio manter uma gestão equilibrada nesse contexto. Segundo Fábio Solano, analista de estratégia e inovação da Frísia Cooperativa Agroindustrial, um dos

pontos fundamentais para manter uma gestão adequada são os líderes capazes de captar e implantar as melhorias necessárias. “Como a cadeia de alimentos é extensa, ter um controle sobre a gestão, do início ao fim, se torna um grande desafio. Um dos principais pilares que trabalhamos hoje em relação a esse desafio, é a Cultura Comportamental”, afirma Fábio.

Nesse processo acelerado de transformação do agronegócio, existem ferramentas que se tornam aliadas do segmento. Solano explica que uma das principais ferramentas que as cooperativas têm utilizado para garantir bons resultados é a estruturação, execução e acompanhamento de Planos Estratégicos.

“Como a cadeia de alimentos é extensa, ter um controle sobre a gestão, do início ao fim, se torna um grande desafio. Um dos principais pilares que trabalhamos hoje em relação a esse desafio, é a Cultura Comportamental”
Fábio Solano – Frísia



Tecnologia no agronegócio já não é mais tendência, e, sim, a realidade do produtor. Foto: Banco de imagens

“Dentro destes planos, estrutura-se frentes de atuações, específicas para desafios a serem resolvidos. Isso acaba envolvendo melhorias nas propriedades rurais, nas agroindústrias, na comunidade em que estão inseridos e até mesmo na gôndola”, explica o analista.

Vantagens

Diante dessas reestruturações, as transformações trazem consigo oportunidades ao campo, como a redução de desperdícios de tempo e custo. “Enquanto antes as pessoas tinham que deslocar fisicamente para coletar alguma informação, alguma assinatura ou até mesmo para solicitar algum produto, hoje temos a realidade em que tudo se mantém continuamente conectado. Dentro da cooperativa conseguimos ter dados em tempo real da qualidade do solo dos associados, os produtos utilizados no solo, as culturas plantadas em cada talhão e até mesmo rastreando os caminhões que fazem as frotas, trazendo segurança e rastreabilidade”, ressalta Solano.

Além disso, segundo ele, essa nova forma de gestão ajuda a reduzir vários tipos de riscos que possam se apresentar em toda a cadeia, como também reduz o tempo de operações. “Como a transformação digital tem um viés de aceleração de processos, especialmente aqueles que não agregam valor, conseguimos dessa forma trazer uma forte redução de custos indesejáveis. Isso acaba impactando diretamente no bolso dos produtores e das Cooperativas” aponta Fábio.

Com isso, o impacto também vai diretamente na rentabilidade e qualidade de produção. “A produção acaba se tornando muito mais segura, uma vez que esteja conectada com o todo. Um exemplo, das cooperativas conseguimos saber a qualidade dos alimentos entregues por cada associado e o quanto eles receberão de bonificação por isso, da mesma forma se algum associado entregar alimentos com produtos indesejados, também seremos notificados”, complementa.

Desafios

A adaptação aos novos formatos de trabalho com a transformação digital se estende a outras áreas de atuação de mercado. Segundo Fábio, o maior desafio é cultural. “Muitas pessoas ainda não se adaptaram à utilização de novas tecnologias, outras simplesmente não confiam nos resultados delas” considera.

Além disso, as novas práticas de gestão e os novos movimentos de mercado, acontecem porque os clientes também estão mudando suas percepções de consumo. Com o aumento do acesso a informações, as pessoas estão se tornando mais críticas e, conseqüentemente, mais exigentes. Dessa forma, vários setores estão sendo impactados com esse contexto, tendo a necessidade de ser flexível. “Acredita-se que as empresas e os produtos que continuarão tendo sucesso no futuro, serão justamente àqueles que conseguirem se adaptar mais rapidamente” finaliza, Solano.



Mathias de Jong e Carmencita Siluiane Hass. Fotos: Arquivo pessoal

NA CONTRAMÃO DO ÊXODO RURAL

Jovens que escolheram o campo à cidade relatam suas experiências de vida. Mathias nasceu, cresceu e projeta sua vida no meio rural, enquanto Carmencita deixou a cidade para se dedicar à agropecuária

Por: Naiane Jagnow

A população brasileira tem se tornado cada vez mais urbana. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o êxodo rural, ou seja, o deslocamento das pessoas do campo para a cidade, se intensificou principalmente a partir de 1960, quando aconteceu a mecanização da agricultura.

A partir de 2000, o número de pessoas que moram em áreas rurais continuou diminuindo, porém em um ritmo menor comparado aos

anos anteriores. Ainda conforme dados do IBGE, entre 1970 e 2010, a participação da população rural caiu de 44% para 15,6%. O êxodo rural continuou principalmente entre as mulheres e os jovens, que buscam no espaço urbano escolaridade ou oportunidades de emprego.

Na contramão desse caminho, Mathias de Jong, de 21 anos e de Carmencita Silviane Hass, de 32 anos viram no campo a chance de crescer. Ele tem pais agricultores e projeta sua vida para seguir o caminho deles. Já Carmencita migrou da cidade para o meio rural para trabalhar com o namorado.

Mathias não abriu mão da escolaridade. O jovem está no sexto período do curso de administração e divide o tempo dos estudos com o trabalho rural na propriedade localizada no interior de Arapotí. “Meu cotidiano costuma ser em torno da gestão da produção e fazendo os trabalhos diários como ordenha das vacas, plantio e colheita da lavoura”, conta.

Para ordenhar as 180 vacas, ele acorda às 3h da madrugada, o processo se repete durante a tarde. No campo, Mathias opera tratores e outras máquinas agrícolas. “Realizamos o plantio do milho no verão e aveia, trigo e azevém no inverno para fazer silagem – a comida para as vacas”, explica. Questionado se um dia ele pretende sair da área rural, o jovem enfatiza que não. “Resolvi ficar no campo pelo modo de vida e pelo amor a agricultura”, afirma.

Carmencita também encontrou no campo sua paixão. Ela deixou o centro urbano para viver no interior de Palmeira e tem o cotidiano parecido com o de Mathias. “Nossa rotina é ordenhar as vacas às 7h da manhã e às 17h da tarde. Pela manhã também realizamos o trato dos animais e a tarde alguma atividade de lavoura”, comenta.

Morar em uma propriedade rural, segundo ela, tem seus prós e contras. “A melhor parte é que nós trabalhamos sem cobrança e a parte ruim é que quando temos que ir pra cidade tem que ser meio planejado”, pondera.

Com a chegada do novo coronavírus, Carmencita também se sente aliviada em morar no interior. “Nosso setor está sendo um dos melhores, apesar da pandemia aqui não interferiu em nada”, diz.

Ela explica que sempre quis trabalhar com agropecuária e atualmente se sente realizada. “Não pretendo sair daqui”, conclui.

HORTA EM CASA? CULTIVE UMA!

Por: Bruna Pedroso

Ter uma horta em casa não é tão complicado quanto parece. Controlando possíveis pragas, regando e adubando com a frequência correta, você pode garantir frutos, hortaliças e temperos sempre fresquinhos. Confira nossas dicas!



Apartamento não é desculpa

Você não precisa de um quintal enorme para cultivar suas plantas. Jardineiras verticais a plástico reaproveitáveis, como potes de sorvete, podem ser usados desde que com furos no fundo para escoar a água. Encontre um lugar com boa luz natural e circulação de ar e plante o que apetece seu gosto.



Comece do começo

Ninguém vira um agricultor da noite para o dia, recomendamos que você comece com espécies mais fáceis de lidar. As ervas aromáticas, como alecrim, salsa e manjerição são um bom começo. Você também pode cultivar tomate e couve, experimentando o que se adapta melhor ao seu espaço.



Pragas e fungos

Seus cultivos vão estar tão suculentos que possivelmente irão atrair bichinhos. Insetos, fungos e pulgões podem destruir sua horta, por isso o controle de pragas é muito importante, principalmente quando feito de forma natural.



Cuide dos insetos

Nem todos os visitantes da sua horta são perigosos. Joaninhas, por exemplo, são sempre muito bem-vindas porque se alimentam de pulgões e as abelhas polemizam as flores. Plante erva-doce, dente-de-leão e coentro para elas e tome cuidado com seus ovos! Eles são bem pequenos, amarelos e ovais, sempre depositados em grupos. Se encontrá-los, não utilize inseticida.



Pesticidas naturais

Ferva alguns dentes de alho com uma cebola em 1 litro de água, espere esfriar e pulverize sobre seus cultivos. O cheiro forte irá repelir insetos naturalmente, sem prejudicar as plantas.

**CONHEÇA O CURSO GRATUITO
E ONLINE DA EMBRAPA:
HORTA EM PEQUENOS ESPAÇOS**

AGROPECUÁRIA TEM SALDO POSITIVO NA CRIAÇÃO DE EMPREGOS NA REGIÃO

Municípios de Ortigueira, Ventania e Carambeí puxam a lista dos bons resultados

Por: Dani Ribeiro

De acordo com o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), apenas os setores da construção e agropecuária seguem com saldo positivo na geração de postos de trabalho no país em 2020. O relatório aponta a agropecuária como líder nesse ranking, com abertura líquida de 98.320 novas vagas de janeiro até o final do mês de agosto. Analisamos os dados do Cadastro para verificar qual o saldo do setor na região dos Campos Gerais.

Apesar de estar no azul, quando comparado por setor, o cenário na região apresenta resultados diferentes do nacional. Quem aparece no topo da criação de emprego nos Campos Gerais é a construção civil, com saldo de 4641 postos, seguida pela indústria, com 1241, e o comércio com 860. O agronegócio aparece apenas em quarto lugar, com abertura líquida de 544 vagas.

O relatório considera no setor denominado 'Agropecuária' as vagas formais abertas na agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura. Assim, de janeiro a agosto deste ano, as 23 cidades da região (conforme infográfico) somaram 2342 admissões e 1798 desligamentos.

Para o economista da Federação da Agricultura do Estado do Paraná (FAEP), Luiz Eliezer Alves da Gama Ferreira, os números devem ser valorizados. "Saldo positivo na geração de empregos é algo que deve sempre ser celebrado, no caso do setor agropecuário os empregos seguem em alta em função da demanda por alimentos em alta; aumento também da demanda para exportação, condicionada pelo dólar favorável e o movimento natural de empregos no setor, que encontra alguma sazonalidade, principalmente no momento da colheita", comenta Luiz



O produtor Ney Voichcoski sustenta a família e mais um funcionário por meio da sua leiteria na localidade de Santa Bárbara, em Palmeira.. Foto: Arquivo pessoal.

Líderes

Puxam o resultado positivo na agropecuária as cidades de Ortigueira com 221 vagas, o que equivale a 41% do total, seguida por Ventania e Carambeí, com 149 e 66 postos cada, respectivamente. Conforme relatórios do Departamento de Economia Rural (Deral) o município de Ortigueira tem se destacado nos últimos anos pela produção de mel, madeiras em tora e mudas de eucalipto, assim como Ventania, que também apresenta bons resultados na produção das mudas de eucalipto e pinus, além da plantação de soja. Cenário destacado por Ferreira. “A região é bastante dinâmica, há oportunidades em todos os setores da agropecuária, mas a maior parte está na produção florestal, explica o economista.

Já no município de Carambeí, que ficou em terceiro lugar no ranking, o destaque é a produção leiteira, outra importante atividade da região, como salienta Gustavo Ribas Netto, Presidente do Núcleo dos Sindicatos Rurais dos Campos Gerais. “O destaque é o leite. A produção de leite é uma produção muito forte em toda região e ela emprega muito. Porque ela emprega direto as empresas que beneficiam o leite, que fazem queijos, iogurte, companhias, etc.”, explica Netto.

Na localidade de Santa Bárbara, em Palmeira, o produtor Ney Voichcoski, garante a renda da família e de mais um funcionário contratado neste ano, com a sua leiteria. De acordo com Ney, que herdou a atividade do pai, economicamente a pandemia tem sido positiva para o negócio. “Em mais de oito anos que estou trabalhando para mim, esses meses estão sendo os melhores. Estive conversando com outros colegas de profissão que trabalham a mais tempo que eu e nunca receberam o preço do leite em que está hoje. Então pra nós está sendo muito bom.”, relata o agropecuarista.

Ferreira aponta que a manutenção do resultado positivo do setor, mesmo em meio a uma pandemia, deve-se a sua essencialidade. “A demanda por alimentos é inelástica, ou seja, mesmo que os preços subam ou que as pessoas percam seus empregos, ainda sim precisarão se alimentar. Durante a pandemia os trabalhos no campo não foram interrompidos, as vacas continuaram sendo ordenhadas, a alimentação de aves e suínos chegaram as granjas e o produtor rural continuou madrugando no campo, seu

home office”, comenta o especialista da FAEP.

Extensão

Para Netto, o saldo de vagas abertas apesar de positivo não é uma representação fiel do que acontece no setor. “Porque você só está vendo os empregos diretamente nas propriedades. Por exemplo, eu passei em um açougue que vende carne que vem da produção aqui do município, e esses são empregos gerados pelo agronegócio, ele é essencialmente agro [...] Então esses números são muito maiores quando você passa a pensar nele como um todo do agro”, aponta o representante dos produtores rurais na região.

A engenheira agrônoma Sandra Mara Camargo Queiroz faz parte da sétima geração de agropecuaristas na Fazenda das Violas. A família possui três propriedades na região e trabalha com agricultura, pecuária e mineração, empregando dezenas de funcionários, alguns diretamente e outros eventuais. Para cuidar dos 1300 hectares de lavoura, por exemplo, são 16 empregados formais como gerentes e tratoristas. Sandra, que se dedica principalmente às atividades de mineração de areia e produção de bezerros Brangus, destaca ainda outros setores que estão sendo beneficiados pela agropecuária. “Como estou mais na fazenda, claro que estou reformando tudo o que vejo. Pedreiro e carpinteiro estão garantindo emprego no agro. Converso com outros amigos que relatam a mesma situação”, explica a agrônoma.

Futuro

De acordo com dados do Deral, em 2019 o Valor Bruto da Produção (VPB) nos Campos Gerais alcançou R\$ 8,9 bilhões, equivalente a 9,08% do VBP do estado do Paraná. Resultados que Ferreira acredita que serão superados neste ano. “A perspectiva para 2020 é de forte aumento do VBP, em função principalmente da alta dos preços e da boa produção agropecuária da safra 2019/20. O VBP trata do valor da produção da porteira para dentro, mas o agro transborda para outros setores suas riquezas. A região dos Campos Gerais possui um forte parque industrial de base agropecuária, são as chamadas agroindústrias, gerando também emprego e renda, assim como no comércio”, aponta o especialista.



Agrotóxicos são alvos de discussões no campo do agronegócio. Foto: Agência Estadual de Notícias.

PARANÁ REGISTRA 347 MORTES POR INTOXICAÇÃO COM AGROTÓXICOS NOS ÚLTIMOS DEZ ANOS

O Paraná é o estado que mais registrou notificações de intoxicação por agrotóxicos nos últimos dez anos. No Brasil, 28 mil pessoas sofreram problemas recorrentes ao contato com pesticidas, somente no Paraná ocorreram 347 mortes no período

Por: Laísa de Moraes Pereira
Com informações da BBC e Folha de Londrina

De acordo com dados divulgados pelo Ministério da Saúde, o número de intoxicação por pesticidas dobrou nos últimos dez anos. Em 2007, 1.534 pessoas tiveram intoxicação e em 2017, o registro foi de 3.059 pessoas.

Segundo o Observatório do Uso de Agrotóxicos da Universidade Federal do Paraná (UFPR), a intoxicação por agrotóxicos pode causar várias reações, como alergias e distúrbios gastrintestinais, respiratórios e neurológicos. Além disso, estes sintomas podem causar doenças como diabetes, hipertensão e problemas neurológicos.

O Observatório explica que a população que está mais exposta a estes produtos são os trabalhadores rurais, que têm contato físico direto com os pesticidas.

Para ter uma ideia, somente em 2017 foram 419 casos de envenenamento confirmados no Paraná. A maioria foi atendida e curada sem sequelas graves. O perfil das pessoas que tiveram consequências é de homens, brancos, com idade entre 20 e 39 anos, com ensino fundamental incompleto. A maioria dos casos ocorreu por tentativa de suicídio e envenenamento acidental.

Brasil é o principal mercado de agrotóxicos

De acordo com pesquisa realizada pela Uearthed, organização jornalística independente financiada pelo Greenpeace, em parceria com a ONG suíça Public Eye, somente em 2018 a venda de agrotóxicos altamente perigosos beneficiou US\$ 4,8 bilhões para as cinco maiores

empresas da área e mais da metade das vendas foram realizadas para países de renda média e baixa, sendo o Brasil o principal mercado.

"Quase metade (41%) dos principais produtos das gigantes agroquímicas Basf, Bayer, Corteva, FMC e Syngenta contêm pelo menos um pesticida altamente perigoso (HHP, sigla em inglês para highly hazardous pesticides)", afirma a publicação realizada pela ONG.

Segundo a Uearthed, o Brasil é o país que mais compra pesticidas no mundo e o crescimento foi registrado,

principalmente, a partir dos governos de Michel Temer e Jair Bolsonaro. Em 2018, ano recorde da pesquisa, foram movimentados cerca de US\$ 3,3 bilhões (R\$ 14,5 bilhões). Os produtos são usados principalmente para o cultivo de soja, milho e algodão.

Enquanto isso, a Argentina comprou cerca de US\$ 229 milhões em agrotóxicos no período e o México, US\$ 115 milhões.

Fiscalização

A Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) ressalta a falta de eficácia das fiscalizações por parte do governo. De acordo com relatório divulgado pela entidade, as orientações que constam na bula dos produtos e ações de prevenção na área da vigilância da saúde, ainda são rasas e podem não

Segundo o relatório, o impacto dos agroquímicos sobre a saúde humana também se expressa em custos de tratamento e aponta que as pesquisas brasileiras sobre a consequência para a saúde humana se desenvolveram nos últimos anos, mas ainda são insuficientes para calcular a dimensão dos danos.

**Quase metade (41%) dos principais produtos das gigantes agroquímicas Basf, Bayer, Corteva, FMC e Syngenta contêm pelo menos um pesticida altamente perigoso (HHP, sigla em inglês para highly hazardous pesticides).
Publicação realizada pela ONG.**



**ACESSE AS PESQUISAS:
O CAMPO DIGITALIZADO
RETRATO DO BRASIL AGRÁRIO**

**Mude
sua
vida!**



**vestibular
on-line**

Maira Macedo Rosa
Aluna UniSecal

A revista Agro Unisecal é uma produção dos alunos do 8º. semestre de jornalismo. Sem fins lucrativos, sua distribuição é gratuita. Esse material é o produto final da disciplina Jornalismo e Agronegócio. Obrigado pela leitura!